

Sílvia Marcus de Souza Correa

África e suas relações internacionais

Entre dependência e desconexão

Blucher

Série Relações Internacionais

Sílvia Marcus de Souza Correa

ÁFRICA
E SUAS RELAÇÕES
INTERNACIONAIS
Entre dependência e desconexão

SÉRIE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Coordenador Prof. Agripa Faria Alexandre

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

África e suas relações internacionais: entre dependência e desconexão

© 2025 Sílvio Marcus de Souza Correa

Editora Edgard Blücher Ltda.

Série Relações Internacionais

Coordenador Agripa Faria Alexandre

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenador editorial Rafael Fulanetti

Coordenação de produção Andressa Lira

Produção editorial Ariana Corrêa

Preparação de texto Ana Maria Fiorini

Diagramação Guilherme Salvador

Revisão de texto Elaine Cristina Nicolodelli

Capa Laércio Flenic

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo Novo Acordo Ortográfico, conforme
6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua
Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras,
julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios, sem autorização escrita
da Editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP)

Heytor Diniz Teixeira, CRB-8/10570

C824a Correa, Sílvio Marcus de Souza
África e suas relações internacionais : entre
dependência e desconexão / Sílvio
Marcus de Souza Correa. – São Paulo : Blucher,
2025.

176 p. – (Série Relações Internacionais /
coordenado por Agripa Faria Alexandre).

Bibliografia
ISBN 978-85-212-2595-9 (impresso)

1. Relações internacionais. 2. Relações
internacionais – África. 3. História da África.
I. Alexandre, Agripa Faria. II. Título. III. Série

CDU 327

Índices para catálogo sistemático:
1. Relações Internacionais CDU 327

Conteúdo

Prefácio	7
Introdução	11
1. Entre dependência e desconexão	17
2. A África pós-colonial	39
3. Os regimes longevos africanos	47
4. A globalização da África	63
5. O multilateralismo africano	69
6. Os novos desafios africanos no século XXI	81
Exclusão escolar, desigualdade de renda e paridade de gênero	84
Perspectivas para a juventude africana	87
Insegurança, deslocamentos forçados e campos de refugiados	94
Devir democrático	98
Aumento da dívida e queda dos investimentos públicos	105

Transição e segurança energéticas	108
Reinventar o Estado e novas formas de distribuição da riqueza social	114
Considerações finais	119
Sugestões de estudos	125
Posfácio	131
Referências	143

Prefácio

Honra-me sobremaneira prefaciá-lo livro *África e suas relações internacionais: entre dependência e desconexão*. Faço-o com uma grande alegria, pois o professor Sílvio Marcus de Souza Correa foi uma das primeiras pessoas que conheci quando cheguei no Brasil vindo do Senegal. As nossas conversas na PUC-RS sobre o continente africano eram muito profícuas, ele como estudante da pós-graduação em História e eu como estudante de língua portuguesa para estrangeiros e candidato para, depois, cursar Direito.

Esta obra traz à baila algumas teorias das relações internacionais para uma compreensão da geopolítica africana, assim como os desafios do continente para sua inserção na nova globalização.

As relações do continente africano com o resto do mundo não datam de hoje. Os impérios africanos de tempos remotos tiveram contato com civilizações de outros continentes.

O continente negro é berço da humanidade e da civilização, como atestam os estudos do professor senegalês Cheikh Anta Diop. A África já foi ator principal das relações internacionais no passado com o Egito antigo e as antigas realezas, e Grécia e Roma beberam da sua sabedoria. Infelizmente, o comércio transatlântico e as colonizações puseram fim a esta trajetória positiva.

Após as independências “teóricas” que iniciaram no final da década de 1950, a África continuou a sua dependência em relação às antigas metrópoles. Mas novos ventos vêm soprando com as novas gerações de intelectuais e políticos africanos, sem perder de vista a atuação da diáspora e de alguns africanistas. Um exemplo desta reviravolta é a criação da Aliança dos Estados do Sahel (Burkina-Faso, Mali e Niger), que romperam suas relações com a antiga metrópole, a França.

A África contemporânea reclama sua inserção neste mundo globalizado. O Renascimento africano significa erguer-se, normalizar os direitos fundamentais da pessoa humana, melhorando o padrão da economia e da governança política. As tendências de reafirmação da África no sistema multilateral ganharam destaque na passagem do século. Ao mesmo tempo, graças ao protagonismo diplomático da África do Sul, o continente passou a sediar algumas Conferências Internacionais da ONU.

Nos últimos anos, o continente africano tem sido claro sobre a sua capacidade de se tornar um *player* global, esforçando-se para combater as alterações climáticas no nível interno, apesar de contribuir, de longe, com menos para o aquecimento global, ou a ajuda na promoção da paz noutros lugares, como na Rússia e na Ucrânia.

Sendo o maior bloco de países nas Nações Unidas, é compreensível que os líderes africanos exijam cada vez mais uma voz maior nas instituições multilaterais. O continente está sendo cortejado por grandes potências no meio de uma crescente competição geopolítica.

“África não tem necessidade de parcerias baseadas na ajuda oficial ao desenvolvimento que seja politicamente orientada e equivalente à caridade organizada. Os subsídios filtrados pelos interesses egoístas dos doadores certamente não permitirão uma ascensão real e efetiva do nosso continente”, afirmou o presidente Felix-Antoine Tshisekedi, da República Democrática do Congo. O que a África precisa é de um sistema financeiro global mais inclusivo. Em tal sistema, os africanos podem participar como um parceiro que tem muito para oferecer ao mundo, e não apenas um armazém que fornece produtos baratos a países ou corporações multinacionais internacionais.

Criada em 2002, a partir do desejo dos líderes da Organização da Unidade Africana (OUA) de aprofundar os

ideais do pan-africanismo, a União Africana, hoje, abrange todos os territórios do continente africano. Atua para uma África integrada, próspera e pacífica, impulsionada por seus próprios cidadãos e representando uma força dinâmica na arena global. A Agenda 2063 – A África que queremos, o Plano de Ação para a Recuperação Verde da União Africana e a Estratégia e Plano de Ação para a Biodiversidade são passos críticos em direção a um futuro sustentável para a África e seus povos.

Sobre o tema da paz e da segurança, as nações africanas têm feito contribuições significativas para as missões de manutenção da paz das Nações Unidas – sublinhando o seu compromisso com a estabilidade tanto dentro das suas fronteiras como além delas. Embora possa ser feito mais – com o apoio dos parceiros –, a União Africana continua a desempenhar um papel proativo na prevenção de conflitos e na mediação dentro do continente.

É neste diapasão que esta obra traz uma importante contribuição para a compreensão da história africana e das suas relações internacionais atuais. Recomendo esta obra pois ela desnuda os preconceitos da marginalização do continente africano.

Prof. dr. Alfa Oumar Diallo
Ziguinchor (Senegal), 23 de setembro de 2024

Introdução

As relações internacionais dos Estados nacionais africanos têm uma história recente, uma vez que as independências africanas não datam sequer de um século.¹ As relações internacionais da África do período pós-colonial foram marcadas pelo pan-africanismo e pelo imperativo de uma África unida. O pan-arabismo teve também a sua importância nas relações internacionais da África pós-colonial, como bem apontou Ali Al'amin Mazrui (1977), no seu clássico *Africa's international relations*. Todavia, as utopias africanas sucumbiram no contexto da chamada Guerra Fria. Para alguns especialistas, o propalado neocolonialismo condicionou o devir africano a uma nova dependência; para outros, o falhanço ou o malogro do realinhamento dos países africanos e dos projetos de modernização no contexto pós-colonial decorreu mais das

1 Existem algumas exceções, como as repúblicas bôeres e a da Libéria no século XIX.

escolhas das elites nacionais africanas do que de eventuais imposições externas.

Para além do reducionismo e do determinismo de certas interpretações que tratam da história africana atrelada quase exclusivamente ao seu passado escravista e ao seu período colonial, a perspectiva africana das relações internacionais permite abarcar a complexidade da história da África contemporânea por dois vieses. O primeiro viés enfatiza as próprias relações entre os países africanos desde a criação da Organização da Unidade Africana em 25 de maio de 1963 – e que reunia mais de trinta países – até a fundação da União Africana em 2002. A União Africana representa, atualmente, mais de cinquenta países e tem sido um agente incontornável do processo de integração dos países africanos. O segundo viés trata das relações dos países africanos com os países de outros continentes, especialmente no primeiro quartel do século XXI. Destacam-se nessa história recente da África contemporânea as suas relações com países emergentes como o Brasil e a Índia, mas também com países como a Rússia, a China e os países do Oriente Médio. Ambos os vieses não são excludentes, e sim complementares.

Para o estudo das relações internacionais da África contemporânea, a geopolítica é de supina importância, uma vez que o continente africano apresenta cinco macrorregiões (África Setentrional, África Ocidental, África Central,

África Meridional e África Oriental) bem distintas, com diferentes culturas, sociedades, economias e ecossistemas. Nessas macrorregiões, há territórios em litígio, outros em conflito. Alguns deles se inscrevem mais do que outros nas estratégias de desenvolvimento dos Estados nacionais. Em termos de recursos naturais, as jazidas de fosfato no Saara Ocidental, de cobre na Zâmbia, de urânio no Níger, de ferro, de lítio ou de cobalto na República Democrática do Congo (doravante RDC) ou de petróleo na Nigéria, para ficar em alguns exemplos, podem condicionar certas estratégias no quadro da geopolítica e, por conseguinte, das relações internacionais.

Assim como a história pós-colonial do continente africano, a história recente das primeiras décadas do século XXI oferece uma melhor compreensão dos atuais desafios e dilemas africanos do que aquelas indolentes abordagens do “afropessimismo” tão em voga no pensamento contemporâneo e destrinchadas no livro de título homólogo por Frank B. Wilderson III (2020) ou em ensaios críticos como *Melancholia africana*, de Nathalie Etoke (2019), e *Afrotopia*, de Felwine Sarr (2016). Em termos metodológicos, a proposta de um livro paradigmático sobre a África contemporânea e suas relações internacionais segue os aportes de uma historiografia crítica, com inspiração no último ensaio do historiador Mamadou Diouf (2023). Para o *scholar* da Universidade de

Columbia (Nova York), a África e as suas diásporas produziram contranarrativas à metanarrativa da “missão civilizadora” do Ocidente. Desde as escolas historiográficas de Dakar, Ibadan e Dar-es-Salam, a historiografia da África tem procurado combinar a unidade e a diversidade das sociedades africanas, para reivindicar uma narrativa do universal para além daquela imposta à época dos impérios coloniais.

Com base na análise de fontes primárias e secundárias e na consulta bibliográfica com ênfase em relatórios de instituições como a ONU, a Unesco e a União Africana, e em matérias da imprensa africana e internacional, os tópicos propostos serão tratados de forma sintética e numa linguagem acessível. São eles: a África pós-colonial; os regimes longevos africanos; a globalização da África; o multilateralismo nas relações internacionais africanas; os novos desafios e dilemas africanos no século XXI.

Como certas mudanças no continente africano têm ocorrido de forma célere, qualquer corte cronológico e espacial, além de ser arbitrário, incorre em necessária circunscrição da análise das relações internacionais e, por conseguinte, torna quase impossível fazer generalizações à luz de uma teoria. Se em outras disciplinas, como a economia ou a ciência política, as teorias podem fomentar abstrações, na área da história, as particularidades de cada país ou de cada região, de cada sociedade ou de cada cultura, tornam o mesmo exercício inócuo e improfícuo.

A partir de certos acontecimentos do último biênio (2022/2023), os tópicos há pouco indicados serão abordados de forma retrospectiva e sem a pretensão de fazer a genealogia dos temas selecionados para o presente livro. Desse modo, evita-se o reducionismo que trata a escravidão atlântica como denominador comum ou como fator determinante para explicar o malfadado subdesenvolvimento do continente africano. Ao contrário das indolentes narrativas de “vitimização” e que ancoram o futuro africano à escravidão atlântica ou ao colonialismo, busca-se enfatizar o tempo histórico da curta duração e atentar para os desafios e dilemas da África contemporânea e para as alternativas que estão sendo abertas no horizonte deste segundo quartel do século XXI.

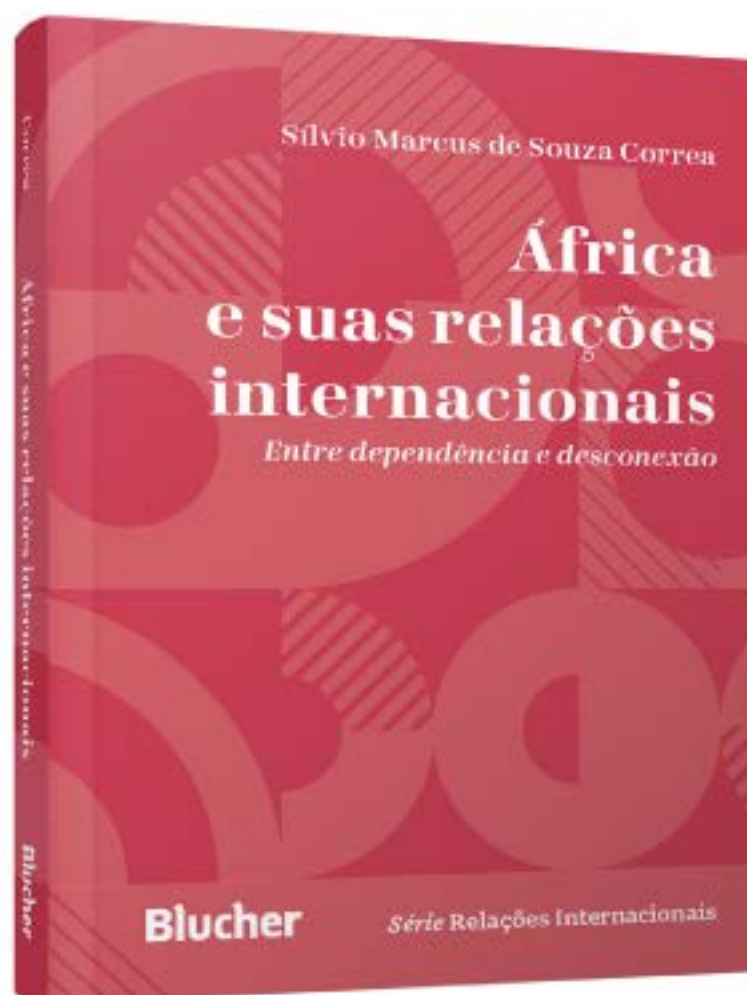
Espera-se, com essa proposta, introduzir o público leitor àquilo que os intelectuais africanos Achille Mbembe e Felwine Sarr (2017) denominaram a África-Mundo, ou seja, um espaço global onde se decidirá o nosso futuro. Busca-se, igualmente, superar uma visão afropessimista que minimiza a agência africana no plano das relações internacionais.

Este livro da *Série Relações Internacionais* versa sobre a história recente da África a partir de uma abordagem nova, na qual o continente africano não é apenas considerado o grande teatro para ações decisivas ao nosso futuro, mas também a gênese de um contingente humano com papel protagonista no drama atual da humanidade. Trata-se de um livro de leitura ligeira e aprazível para quem deseja se inteirar dos desafios africanos. Professores têm neste livro um recurso paradidático sobre a África e suas relações internacionais. Estudantes do ensino médio ou universitários encontram em suas páginas muita informação sobre a África do tempo presente. Ao público leitor da diáspora africana, este livro pode ser lido como um retorno.



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

VEJA NA LOJA

África e suas relações internacionais

Entre dependência e desconexão

Sílvia Marcus de Souza Correa

ISBN: 9788521225959

Páginas: 172

Formato: 11,5 x 16 cm

Ano de Publicação: 2025
